

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : CB

CLASS. : 35

DATA : 01 09 90

PG. : 11

Geógrafa defende modelo de reserva extrativista

“Até agora promoveu-se o desenvolvimento da Amazônia através de grandes projetos agropecuários e de colonização ou de mineração, que já se mostraram inviáveis. É necessário mudar a ótica e se adotar um modelo alternativo, que é a reserva extrativista. Ela é a exploração racional da floresta, em seus múltiplos aspectos: seringa (borracha), castanha, peixes, caça, essências, frutas tropicais etc, respeitando a ecologia e fixando o homem à terra”, afirma a geógrafa Olga Maria Schild Becker, ligada à União dos Povos da Floresta, movimento criado para defender índios, seringueiros e ribeirinhos.

Olga Becker irá defender esse ponto de vista durante o 1º Simpósio Internacional de estudos Ambientais em Florestas Tropicais Úmidas (Forest'90) a ser realizado em Manaus entre 7 e 13 de outubro e que reunirá cerca de 400 especialistas de todo o mundo.

O documento final do encontro servirá de base às discussões do Congresso Mundial sobre o Meio Ambiente, que a Organização das Nações Unidas (ONU) realizará no Brasil em 1992. Ela defende a necessidade de promover rapidamente a demarcação das quatro reservas extrativistas (Chico Mendes, Rio Tejo, Rio Cajari e Rio Ouro Preto) estabelecidas no final do governo Sarney e que irão ocupar, ao todo, 2,16 milhões de hectares, distribuídos pelos Estados do Acre, Rondônia e Amapá.

“A idéia corrente na sociedade brasileira é de que na Amazônia só existem árvores e não pessoas sob elas. Não há espaços, pois eles são ocupados pelos povos da floresta, que com suas atividades não-predatórias, exploram a região sem devastá-la”, declara Olga Becker, que diz ser desnecessária a implantação pelas Forças Armadas do projeto Calha Norte.